

## SOBRE AS TENSÕES CULTURAIS NA COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

LUIZ BELTRÃO

A comunicação adquire importância fundamental neste nosso atribulado e inquietante fim de século, sobretudo pela sua essencialidade para a sobrevivência e o aperfeiçoamento dos indivíduos e dos povos.

Quando um artista popular como Chacrinha proclama que “quem não se comunica se trumbica” não está mais do que repetindo, em linguagem acessível ao seu público da classe C, o que proclamam, em linguagem erudita, os mestres da nova ciência, desde Schramm, Lazarsfeld e Leauté, que se poderiam chamar “tradicionalistas”, até os “inovacionistas” como o discutido McLuhan e os pesquisadores da semiótica da Escola de Paris, como Barthes, Moles, Todorov, Friedmann, sem esquecermos os analistas da estética comunicacional, em que se distinguem os italianos Eco e Gillo Dorfles.

Insensíveis e moucos às advertências que se faziam nas universidades norte-americanas e européias, onde se começava a observar e denunciar a utilização, pelo Dr. Goebbels, e sua equipe, dos instrumentos e técnicas, os mais adequados, para a informação e a propaganda nazista, foram as nações mais aguerridas do início da década de 40 surpreendidas pela força daqueles “cavalinhos de Tróia” que a sua própria indústria fabricava — os rádios-receptores. Deles, como do lendário equino grego, entre o ruflar dos tambores, os gritos ululantes de *heil*, a voz estentórica do *Fuehrer*, as bravatas do *Duce*, os hinos frenéticos e os cânticos de exaltação à raça e à eterna e invencível *giovanezza*, saíam a essência e a matéria da 5.<sup>a</sup> Coluna. De súbito, aqueles tambores e clarins, aqueles gritos, aquelas vozes e hinos e cânticos não eram mais sons e símbolos: eram multidões

em fuga, atravancando as estradas, retardando a organização e marcha da resistência, destruindo o moral das tropas, com o pânico estampado em todas as faces, favorecendo o “passeio” dos exércitos inimigos, que introduziram, assim, na arte bélica, a estratégia arrasadora da *blitz*.

O tardio despertar dos povos para a essencialidade da comunicação chega somente depois da hecatombe, diante das exigências da chamada “guerra fria”. Então, outras armas se vieram reunir àquele rádio que, apenas fazendo imaginar, havia transmitido uma nova natureza ao homem: agora, com o cinema em cores e relevo e com a televisão, onipresente na terra e no espaço exterior, a imaginação pode descansar. O olho vê o mundo e o universo, enquanto as fitas magnéticas gravam a história que passa, os satélites recebem e distribuem as mesmas imagens, instantaneamente, a todos os povos, estejam ou não eles preparados, já não dizemos para contrabalançar esse bombardeio incessante de informações, mas sequer para receber-las, interpretá-las corretamente e assimilá-las de acordo com as suas conveniências.

A batalha da comunicação não é, como se poderá pensar à primeira vista, uma questão de poder tecnológico: — é antes um problema de cultura. Um povo poderá dispor de excelente rede transmissora-receptora de mensagens e nem por isso atingir o objetivo que o Dr. Goebbels alcançou, utilizando apenas imprensa e rádio: proporcionar ao homem uma outra natureza. O gênio alemão era um Dr. Jeckill que obteve, com a sua poção comunicacional, milhões de Mr. Hyde. O gênio tecnológico contemporâneo, apesar de dotar as nações de instrumentos muito mais poderosos, e não obstante os seus confessados altruísticos propósitos, está longe de utilizar com eficácia esses *media* para a formação do homem novo que os novos tempos reclamam.

Repetimos: a comunicação é antes um problema do *homo sapiens* que do *homo faber*. Isso porque, como muito bem o explica A. D. SALVADOR (1), o *homo faber* é o indivíduo a-cultural, “possuidor apenas de inteligência prática que lhe dá uma visão tão-somente cinematográfica da realidade, incapaz de afastar-se do mundo para olhar o mundo e desprender-se de si mesmo para refletir sobre o seu significado e valor. Subtrai-se de certas tiranias da ordem natural, mas age mecânica, instintiva e habitualmente. Não possui o espírito intencional, a atividade especulativa e o elemento volitivo necessário para construir o universo simbólico, que caracterizam a cultura... possui uma diversidade de comportamento mas não possui a capacidade de assumir atitudes, o que importa uma interpretação e

---

(1) — SALVADOR, A. D. — Cultura e Educação Brasileiras, Petrópolis, VOZES, 1971 (2.<sup>a</sup> ed.).

uma visão analítica da realidade... vê o mundo, mas é incapaz de compreendê-lo... age, mas sem espírito organizador, sem vivências espirituais, sem intenção cultural. Age apenas para satisfazer suas necessidades à semelhança dos seres irracionais”.

## A-CULTURA

Nesse sentido, pode-se dizer que a comunicação atual, ainda que, por sua natureza, seja fenômeno eminente e caracteristicamente cultural, tem o seu exercício baseado na a-cultura. Seus agentes comunicadores, tanto os donos como os usuários dos meios transmissores, são indivíduos e grupos a-cultos, sobretudo considerando-se a sua incapacidade de “assumir atitudes” com relação ao mundo, ao momento histórico, à perspectiva que se abre à civilização do terceiro milênio. Elaboram e emitem mensagens culturais — pois este é o seu ofício — sem a prévia, indispensável e conscienciosa análise e interpretação da realidade, e portanto “sem intenção cultural”, que SALVADOR define como “a vontade, animada de vivências espirituais, que tende à ação para projetar nos atos e respectivos resultados a riqueza do mundo psicológico subjetivo”.

Em todos os meios impressos e audiovisuais, na comunicação de massa, ao que o comunicador se propõe não é atender às verdadeiras necessidades da sua audiência, “a exigências e afirmações de ordem intelectual, ética, estética e religiosa”, que caracterizam formalmente o conteúdo da intenção cultural. É simplesmente conformar-se com o IBOPE — aqui tomado como protótipo do órgão consultor dos gostos e vícios psíquicos de públicos também a-cultos. “Damos ao povo aquilo que o povo quer” — é a filosofia de uma comunicação vazia de conteúdo e crítica, uma comunicação que se afirma em redundâncias e estereótipos, e que, entorpecendo o espírito do receptor, ao mesmo tempo revela o interesse sobretudo econômico dos grupos comunicadores, que agem “à semelhança dos seres irracionais”.

Assim, a despeito de um patrimônio inestimável de instrumentos para o pleno desenvolvimento da comunicação cultural — entendida como a comunicação do *homo sapiens*, do *homo cultus*, no gozo de sua potencialidade e virtuosidade intelectual, achamo-nos praticamente na mesma situação em que se encontravam governos e povos antes da II Guerra Mundial, isto é, à mercê de alguém — grupo organizado ou nação realmente interessada no eficaz emprego desses meios — que, não sendo a-culto, pretenda dificultar a edificação da cultura por ser “contra ela”. Em outras palavras, estamos sob a ameaça constante de um domínio completo da comunicação pelas

tensões do mundo “in-cultural”, “que se presume carregado de espírito e valores humanos, mas que, em verdade, é uma negação deles”.

## IN-CULTURA

Não se trata, aqui da atuação de indivíduo ou grupo que, de posse de meios comunicacionais, notadamente os massivos, e entre eles, com mais freqüência, os audiovisuais, os utiliza apenas visando aos próprios interesses, por incompreensão e/ou incapacidade de melhor exercício das funções que os *media* lhe fornecem como instrumentos culturais. E sim de uma ação deliberada de resistência à evolução da cultura — processo mediante o qual a sociedade humana se liberta de condicionamentos naturais e a-culturais, e progride na estruturação de um mundo em que os atos construtivos resultam em comportamentos inteligentes, baseados na reflexão e na crítica e carregados de significados vivenciais.

O homem é, entre os animais, o único que, embora com um equipamento fisiológico precário, soube desenvolver a sua capacidade mental (consciência), empregando-a para dominar a natureza, desenvolvendo-a em inteligência e utilizando-a para a satisfação tanto de suas necessidades orgânicas ou básicas (sobrevivência, procriação) quanto de necessidades psicossociais, que surgiam à proporção que os fatores naturais adversos se transformavam, graças à sua criatividade, em produtos (objetos, ambiente, instituição) postos ao seu serviço.

A ordem natural, sob a qual vivem os outros animais, é “acrítica e imperativa”. O homem introduz, nessa ordem, uma nova dimensão, que lhe permite inventar, produzir, modificar, estruturar, imprimir valor subjetivo ao fator natural e daí partir mesmo para a criação de universos metafísicos e, portanto, alheios ao mundo da natureza. E a dimensão simbólica, pela qual os objetos, as coisas, os materiais e os fenômenos naturais, tidos como meros signos pelos seres animais infra-humanos, adquirem significados distintos pela qual a forma mesmo imutável em seus contornos, volume e aparência, gera representações e lembranças na mente humana, que, assim, lhe confere um valor novo.

A simbolização, base da cultura, não é uma mera tradução literal de signos indicativos de coisas presentes, existentes ou sem dúvida alguma vindouras, como os animais os percebem, mas uma ideação e, como ensina SUZANE LANGER, funciona com “signos substitutos, pois, em nossa experiência presente, tomam o lugar de coisas que percebemos no passado, ou mesmo de coisas que podemos meramente imaginar, combinando lembranças, coisas que poderiam estar

na experiência passada ou futura". "Esses signos — acrescenta — não servem costumeiramente de estímulos vicários para ações que seriam apropriadas aos seus significados... servem antes para nos levar a desenvolver uma atitude característica para com os objetos *in absentia* que é chamada "pensar em" ou "referir-se a" aquilo que não está aqui. Os "signos" utilizados nesta qualidade não são sintomas de coisas, mas símbolos." (2)

Para a satisfação das suas necessidades básicas orgânicas e psicossociais, e dotado do poder de criar e trabalhar símbolos, o homem procura organizar o seu mundo pessoal, provendo-se dos instrumentos que permitam e/ou facilitem essa organização. Mas, animal social, por apetência e consciência, surge, primeiro, "como um herói solitário; depois aparece a querer compartilhar suas conquistas, fazer participar num esforço cultural desenvolvido, a por à prova o fruto do seu esforço, como se todo o labor que desenvolvera fosse insuficiente para si sem a compreensão ou a crítica alheias", como o assinala SALVADOR. Por isso, "é impelido para a comunicação, a confissão, a íntima necessidade de entregar o produto das suas vivências, como se este fosse uma dádiva necessária e seletiva".

A comunicação humana é caracteristicamente um fenômeno cultural: as suas linguagens são fundamental e exclusivamente simbólicas. Imitando sons naturais, acumulando elementos verbais, elaborando sinais gráficos, estilizando e dando significado a ademanes e movimentos de outras partes do corpo, fabricando aras, monumentos, ícones ou usando e combinando linhas e cores, o homem não estava reproduzindo a natureza mas imprimindo ao natural uma outra essência, simbolizando, a fim de tornar suas idéias e invenções em um patrimônio comum a todos os seus iguais.

Na origem, como no âmago da cultura, estão pois a liberdade, o criticismo e a comunicação simbólica. O homem cultural não está visceralmente preso à realidade, ao interesse mesquinho e até irracional, como o homem a-cultural. O homem cultural "é capaz de se afastar da realidade e olhar reflexivamente sobre o mundo; interpreta-o com sua inteligência especulativa, estrutura-o com seu espírito organizador, carrega-o de significados com sua intenção espiritual, orienta-o com sua vontade para rumos que lhe convém. A realidade, analisada, transfigurada e sintetizada, é incorporada, mas já possuída do "tônus espiritual" que o ser cultural lhe comunica". (SALVADOR).

Foi desse modo e para o fim de edificar o mundo cultural que o homem venceu as barreiras do tempo e do espaço, tornando a comunicação instantânea e permanente, universal e multifacética,

---

(2) — LANGER, Suzanne — *Filosofia em uma Nova Chave*. S. Paulo, Perspectivas, 1971.

através de *media* sempre mais aperfeiçoados, desde a escrita à composição e impressão, e desde a palavra e os signos auditivos até a tele-emissão e gravação dos nossos dias. Esse mundo cultural, tão arduamente construído e permanentemente em aperfeiçoamento, é uma ameaça para o in-culto, isto é, para o homem que, embora compreenda o processo comunicacional e utilize os seus métodos e técnicas, embora aparentemente esteja dentro do mundo cultural e trabalhe pela sua expansão — como legislador, estadista ou magistrado, professor, proprietário ou profissional dos *media*, e até mesmo usuário atilado das mensagens culturais — na verdade busca deter essa evolução, tentando com os próprios instrumentos culturais “um regresso à velha ordem natural, acrítica e imperativa”.

Nenhum movimento na área da comunicação foi mais típico da resistência da in-cultura neste século do que o nazi-fascismo, a que aludimos antes, e que pretendia substituir com deliberada destruição uma ordem baseada na liberdade e na crítica, que permitia o trabalho criador e construtivo, única capaz de evitar a desagregação cultural, a massificação e os erros e vícios sociais alimentados pela a-cultura. A “nova ordem” hitlerista, com a exaltação dos instintos ancestrais da raça e com as medidas repressivas à livre manifestação do pensamento e das idéias que se lhe opunham para que verdadeiramente se pudesse formar a opinião pública, não passava, na realidade, do retrocesso da civilização ao nível pré-humano, sob o império da força.

O fato de exemplificarmos, aqui, com o assédio do mundo in-culto do nazismo, não significa que uma análise sistemática e penetrante da comunicação contemporânea e das perspectivas futuras não nos aponte os germes da ação da in-cultura no mundo dos *media*. Constitui apenas uma advertência fundamentada em um movimento e uma época muito próximos, suficientemente documentados para servir de roteiro ao investigador decidido a identificar marcas e sintomas indicativos da situação de perigo em que se encontra a nossa civilização.

SALVADOR reconhece que “nem sempre é fácil determinar o que é cultura e o que é in-cultura”, com o que estamos de acordo. Mas, valendo-se da interpretação de outro ensaísta, parece admitir que, “normalmente, a cultura vigente é tomada como a cultura e a cultura que surge e tenta implantar-se é considerada como in-cultura”. Nesta distinção é que temos dúvida em acompanhá-lo: teria sido, na época, in-cultura o movimento renascentista? ou a Reforma? Será in-cultura o atual ecumenismo ou a filosofia “existencialista” dos *hippies*? E ainda: será in-cultura a “contracultura” que agora “surge e tenta implantar-se”?

Valeria a pena tentar algumas reflexões sobre este último movimento e suas implicações no mundo da comunicação.

## CONTRACULTURA

Em seu bem elaborado ensaio sobre a natureza e o processo da cultura, A. D. SALVADOR salienta que o homem, como agente ou criador do processo cultural, “não se limita a interferir no mundo da natureza, interfere também no mundo da cultura que ele recebeu de seus antepassados, no sentido de dar-lhe formas novas segundo as novas necessidades e as próprias concepções de vida humana”. E admite, ainda, que “a preocupação fundamental do homem atual não é o mundo da natureza original (que compreende e domina com relativa facilidade graças à ciência e à tecnologia) mas o mundo da cultura construído pelos antepassados... como seu habitat próprio, do qual é o único responsável. Sabe que não é o melhor dos mundos... que pode transformá-lo, criando um mundo melhor. Ao mesmo tempo, tem consciência das resistências dos seus semelhantes, dos conflitos de interesses e de mentalidades. Sente-se então impotente diante das obras de suas próprias mãos. É o drama — conclui — que está na raiz das conturbações de nossa geração, sobretudo da geração mais jovem”.

Havendo aceitado plenamente como condições básicas da cultura a liberdade de criar valores e instituições e a de criticar e reformar a ordem cultural que se impôs (cultura preexistente); e, igualmente, adotando os conceitos de A-CULTURA como um estado em que o homem não analisa nem interpreta a realidade e em que suas atividades visam apenas a “satisfazer as próprias necessidades, à semelhança dos seres irracionais”, e de IN-CULTURA como o comportamento do homem que, embora usando as técnicas e as artes que a cultura lhe fornecera e resiste ao movimento cultural visando a retornar “à velha ordem natural, acrítica e imperativa”, não nos sentimos seguros em aceitar, como o fez SALVADOR, fundamentado em outro ensaísta, que, “normalmente, a cultura vigente é tomada como cultura e a cultura que surge e tenta implantar-se considerada como in-cultura”.

Parece-nos que essa conclusão se contrapõe às lúcidas observações do autor, com que iniciamos esta parte das nossas reflexões. A cultura vigente, ao nosso ver, é a preexistência, que recebemos das gerações que nos precederam e ora passa pelo crivo da nossa experiência, de nossa atividade especulativa, de nossa crítica e do elemento volitivo, que nos anima a construir um mundo melhor de acordo com as necessidades que o domínio da ordem natural trouxe à balha e das concepções de vida que as novas condições psicossociais nos inspiram. Desse modo “a cultura que surge e tenta implantar-se” somente será in-cultura se pretende um regresso àquela ordem “imperativa e acrítica”, que é a negação dos valores eminentemente cul-

turais. Se, entretanto, ao que visa é inovar, construir, enfim, um mais adequado universo simbólico para conferir ao homem um habitat em que se sinta realizado, como pessoa e como ser social, esse movimento é parte da dinâmica da cultura, que jamais poderia extratificar-se *ad secula seculorum*.

Realmente, estamos assistindo e participando de acontecimentos e experiências que refletem, a uma análise mais apurada, uma fase “explosiva” de uma nova cultura, através de sinais tão pouco perceptíveis e ainda tão nebulosos como devem ter parecido ao homem do século XV aquela faina de desencavar e valorizar os ídolos, a filosofia, a poesia helênica, prescritos e anatematizados pela cultura vigente. E ninguém dirá hoje, como ninguém pôde afirmá-lo um século depois, que a Renascença fora um movimento típico da in-cultura.

Como esse fenômeno cultural, tão difícil de identificar, já foi batizado, embora, como acontece freqüentemente, com nome não correspondente à sua real significação, vamos adotá-lo para (o que é nosso objetivo) aplicá-lo à comunicação: CONTRACULTURA. Consideramo-lo — não obstante, repetimos, a equívoca denominação — exatamente como o “motor de explosão” que provoca a dinamização e atualização da cultura. E, como o faz um dos seus mais autorizados analistas, THEODORE ROSZAK (3), de saída nos advertimos de que se trata de fenômeno manifestado em retalhos ainda microscópicos da história, à semelhança daquela acima aludida faina dos escavadores renascentistas. Apesar de dar sinais de compreender “uma constelação cultural que diverge radicalmente dos valores e pressupostos que têm constituído os pilares da nossa sociedade pelo menos desde a Revolução Científica do Século XVII”, esse movimento, em que “muitas pessoas diferentes fazem e pensam coisas muito diferentes”, que não tem sede nem junta executiva, que surge aqui e ali, de repente, e parece morrer para ressurgir além sob modalidade bastante diversa, “ainda tem muito que amadurecer antes que suas prioridades se cristalizem e antes que em torno dela se forme uma desenvolvida coesão social”.

A contracultura, conforme a concebemos, manifesta-se exatamente nas “conturbações de nossa geração, sobretudo da geração mais jovem” diante de nossa impotência para transformar a cultura. Essa inquietação é que constitui o “drama” do homem contemporâneo, conforme SALVADOR. Contudo, a fim de evitar malentendidos, ROSZAK exclui de sua análise crítica da contracultura nos Estados Unidos grupos e movimentos sociais perfeitamente caracterizados, os tais que têm bandeira, realizam manifestações com faixas e car-

---

(3) — ROSZAK, T. — *A Contracultura*. Petrópolis, VOZES, 1971 (2.<sup>a</sup> ed.).  
vigente e a organização social recebida, que não nos satisfazem.



tazes, divulgam manifestos oficiais: “os nossos jovens mais conservadores, para os quais um pouco menos de previdência social e um pouco mais de religião à antiga (além de mais policiais de ronda) bastariam para concretizar a Grande Sociedade... nossa juventude mais liberal, para a qual o alfa e o ômega da política ainda é o estilo Kennedy... os esparsos grupos marxistas ortodoxos... sobretudo a maioria dos jovens militantes negros, cujo programa político passou a definir-se em termos étnicos tão estreitos que, apesar de sua urgência, tornou-se atualmente tão anacrônico, do ponto de vista cultural, quanto os mitos nacionalistas do século XIX”.

A contracultura organizada “congrega apenas uma pequena minoria dos jovens e um punhado de mentores adultos”, mas está obviamente presente “no interesse de nossos universitários e adolescentes, pela psicologia da alienação, pelo misticismo oriental, pelas drogas psicodélicas, e pelas experiências comunitárias”. O fenômeno sócio-cultural apresentado é desses que a gente sente mas recolhe apenas escassos elementos para um exame mais detido e acurado: suas manifestações são “perversamente espectrais” e, no entanto, “aquela tênue concepção a que se denomina — O ESPÍRITO DA ÉPOCA continua a fustigar a mente e a exigir identificação, porquanto parece ser esta a única maneira pela qual se pode dar um sentido pelo menos provisório ao mundo em que se vive.” (ROSZAK.)

Ninguém tem o direito de negar ou desconhecer o estado de insatisfação cultural da juventude e, por isso, movimentos de renovação na Igreja, como o ecumenismo lançado por João XXIII, a revivescência do misticismo (a volta das bruxas, de que trata Jacques Bergier), o hermetismo e o “enlouquecimento” das artes plásticas e da música, o desinteresse e o desencontro entre concepções políticas pseudo-libertadoras e os moços, a valorização do grupo etário e a pouca atenção às mensagens da comunicação massiva, merecem pesquisa e estudo. E exigem mesmo uma atitude crítica dos responsáveis, sobretudo dos intelectuais, pela cultura vigente e pelo destino do mundo sob a ameaça de um “totalitarismo tecnocrático”, ou seja, daquela “tecnoburocracia” que BRESSLER PEREIRA com tanta segurança apontou como em marcha para uma *definitiva* consolidação, em recente ensaio (4), e que é conseqüência dos fatores mais negativos da sociedade de massa (5).

Se examinarmos a eclosão da contracultura na comunicação contemporânea, pouco encontraremos na imprensa, no rádio e na televisão, salvo pelas informações de fatos ora espetaculosos — como

---

(4) — PEREIRA, L. C. BRESSLER — *Tecnocracia e Contestação*. Petrópolis, VOZES, 1972.

(5) — BELTRÃO, Luiz — *Sociedade de Massa: Comunicação e Literatura*. Petrópolis, VOZES, 1972.

a rebelião dos jovens na França em maio de 1968 ou o festival de Woodstok — ora mesquinhos e localizados, como a censura a filmes históricos que focalizam situações semelhantes a de países em crise política ou a proibição da circulação de livros de escritores “rene-gados”, de programas de rádio e TV abordando problemas sociais que contrariam a propaganda oficial. Mas, como seria impossível conter totalmente a comunicação e como a mensagem cultural é eminentemente polissêmica, de modo especial quando trabalhada com sentimento e propósito, muito peixe escapa à rede, seja na poesia, no romance e na pintura, na aparente imobilidade e mudez da escultura, em certas concepções arquitetônicas e urbanísticas, seja, enfim, na apresentação de cenas ou episódios “pitorescos” nos *media* audiovisuais — o observador atilado encontra os “sinais dos tempos”, das tensões geradas pela tecnocracia e das necessidades que condições de vida injustas e insatisfatórias fizeram surgir e que são fatores de contradições da cultura.

Mais do que na comunicação massiva — sob o controle ora da incultura ora da acultura — é na comunicação interpessoal e inter-grupal que se pode apreender bem o conflito provocado pela irrupção da contracultura: no vocabulário inovador dos jovens, nas suas atitudes de contestação, na crítica permanente, e muitas vezes mesmo sem lógica, àqueles valores “universalmente ratificados” a que se refere ROSZAK: a Procura da Verdade, a Conquista da Natureza, a Sociedade da Abundância, o Lazer Criativo, a Vida Ajustada. Tais valores são prometidos e estão em planejamento pela cultura vigente e pela civilização tecnológica, em troca apenas da submissão completa do indivíduo à conduta determinada, aqui pelo computador, ali pelo ditador, além pelo conselho supremo, acolá pela democrática máquina de votar. Como na época dos Césares pela Pax Romana; nos idos medievos pela Cavalaria e pela Inquisição; na Revolução Burguesa pelos Direitos do Homem e pela deusa Razão; na Revolução Comunista pela Extinção das Classes, pelo Trabalho e pelo fim do Estado.

As gerações precedentes nos legaram a cultura da Tecnologia, que buscamos ampliar; a contracultura, que emerge de mensagens ainda tão frágeis e mesmo contraditórias, poderá, conforme pensa ROSZAK, produzir “a insatisfação radical e a inovação capazes de transformar essa nossa desnorteada civilização em algo que um ser humano possa identificar como seu habitat”.

Claro que esse movimento, ainda informe e pouco definido, se apresenta ao humanista como uma esperança, quando a tecnoburocracia, organizada e atuante, “em sua grandiosa marcha pela História”, apenas o fez vislumbrar “ao fim da estrada... nada senão os dois vagabundos tristes de Samuel Beckett, que sob uma árvore murcha esperam que as suas vidas comecem”.